



XIX ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR
Blumenau - SC - Brasil

MUDANÇA DO CLIMA E TURISMO: PERCEPÇÕES DO RISCO CLIMÁTICO POR STAKEHOLDERS DA CIDADE DE SALVADOR(BA)

Carolina de Andrade Spinola (Universidade Salvador - UNIFACS) - carolina.spinola@unifacs.br
Mestre em Administração pela UFBA. Doutora em Geografia pela Universidade de Barcelona. Professora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Salvador - UNIFACS

Valentina Tridello (Aiyê Consultores) - tridellov@gmail.com
Mestre em Urbanismo pela Universidade IUAV de Veneza. Diretora da Aiyê Consultores

Tiago Cisalpino Pinheiro (Universidade Federal de Minas Gerais) - tcisalpino@gmail.com
Doutor em Geografia pela PUC Minas. Estágio de pós-doutorado no Laboratório de Estudos Ambientais da UFMG

Dennis Eucker (Gesellschaft fuer Internationale Zusammen) - dennis.eucker@giz.de
Doutor em Economia e Ciências Sociais pela Universidade de Hamburgo, e pelo Instituto Leibniz de Estudos Globais e Regionais (GIGA), Hamburgo. Assessor Técnico da GIZ.

Mudança do clima e Turismo

Percepções do risco climático por *stakeholders* da cidade de Salvador(BA)

Climate change and Tourism

Perceptions of climate risk by stakeholders in the city of Salvador(BA)

RESUMO

O turismo é um setor fortemente afetado pela mudança do clima e suas consequências. A cidade de Salvador (BA) tem no turismo um importante pilar de sua economia e, por apresentar grandes fragilidades estruturais, está suscetível a um aumento do risco dos impactos oriundos dessa mudança. Isto posto, medidas de adaptação para o setor começaram a ser discutidas, pela administração municipal, no âmbito do Programa ProAdapta, uma realização do governo brasileiro junto à República da Alemanha. Entendendo que quaisquer estratégias de adaptação e de construção de resiliência passam pelo envolvimento dos *stakeholders* do setor, o presente artigo objetivou identificar as percepções desses atores sobre o tema, partindo da concepção de risco climático descrito no AR5 do IPCC. A título de procedimentos metodológicos, utilizou-se de entrevistas semiestruturadas a um conjunto selecionado de participantes, representantes do *trade*, da academia, da administração municipal e da sociedade civil organizada, cujas respostas foram submetidas a uma análise de conteúdo. Como resultados, constatou-se, no geral, a existência de um grande número de atores com uma percepção sofisticada e com um nível moderado de conhecimento sobre o tema. O excesso de chuvas, a variabilidade climática e as altas temperaturas aparecem como os sinais mais preocupantes e temidos. Os grupos que se demonstraram mais conscientes são os compostos pelos membros da academia e por representantes do segmento de Turismo de Negócios e Eventos, neste último caso, muito impactados pela pandemia da Covid 19. No outro extremo, encontram-se os representantes do *trade* e do segmento de Praia e Recreação, embora as respostas indiquem que este último seria, justamente, um dos segmentos mais afetados pelas ameaças climáticas previstas para a Cidade.

Palavras-chave: Turismo. Mudança do Clima. Risco climático. Salvador.

ABSTRACT

Tourism is a sector heavily affected by climate change and its consequences. The city of Salvador (BA) has tourism as an important pillar of its economy and, as it presents major structural weaknesses, it is susceptible to an increased risk of impacts arising from this change. That said, adaptation measures for the sector began to be discussed, by the municipal administration, in the scope of the ProAdapta Program, realized by the Brazilian Government together with the German Republic. Understanding that any adaptation and resilience building strategies require the involvement of sector stakeholders, this article aimed to identify the perceptions of these actors on the topic,

based on the IPCC AR5 climate risk concept. With regard to methodological procedures, semi-structured interviews were used with a selected set of participants, representatives of trade, academia, municipal administration and organized civil society, whose responses were submitted to a content analysis. As a result, it was found, in general, the existence of a large number of actors with a sophisticated perception and a moderate level of knowledge on the subject. Excessive rainfall, climate variability and high temperatures appear as the most worrying and feared signs. The groups that demonstrate the most awareness are those made up of members of academia and representatives of the Business Tourism and Events segment, in the latter case, highly impacted by the Covid 19 pandemic. At the other end, there are representatives of the trade and the Beach and Recreation segment, although the answers indicate that the latter would be, precisely, one of the segments most affected by the foreseen climate threats to the City.

Keywords: Tourism. Climate Change. Climate Risk. Salvador

1 INTRODUÇÃO

A mudança climática é inequívoca e alcançou, nas últimas três décadas, níveis sem precedentes na história da humanidade. Segundo o 5º Relatório de Avaliação (AR5) do Painel Intergovernamental de Mudança do Clima (IPCC), a influência antrópica foi responsável por um aumento de 0,85° C na temperatura média global do planeta, desde 1880, e na elevação do nível do mar em 19cm, entre 1901 e 2010. (IPCC, 2014)

Essas transformações, oriundas em grande parte do aumento das emissões de gases do efeito estufa (GEE) impulsionadas pelo crescimento econômico e populacional, posterior à revolução industrial, não dão sinais de desaceleração.

Os impactos das mudanças climáticas afetam os diversos sistemas naturais e humanos, com graus de intensidade variados e o nível de risco que representam para cada um deles e, em especial, para os diferentes setores da economia, depende dos graus de exposição e vulnerabilidade que apresentem.

O risco climático é definido como a probabilidade da ocorrência de eventos relacionados com as alterações climáticas com consequências onde algo de valor está em jogo e onde o resultado é incerto¹. No Brasil, foi lançado, em 2016, o Plano Nacional de Adaptação à Mudança do Clima (PNA), com o objetivo de “promover a gestão e redução do risco climático no País frente aos efeitos adversos da mudança do clima, de forma a aproveitar as oportunidades emergentes, evitar perdas e danos e construir instrumentos que permitam a adaptação dos sistemas naturais, humanos, produtivos e de infraestrutura” (BRASIL, 2016). Este documento, além de trazer os modelos climáticos regionais aplicados à construção de cenários futuros do clima no País, estabelece diretrizes e metas para a ação governamental em onze áreas consideradas prioritárias: agricultura, biodiversidade e ecossistemas, cidades, desastres naturais, indústria e mineração, infraestrutura (energia, transportes e mobilidade urbana), povos e populações vulneráveis, recursos hídricos, saúde, segurança alimentar e nutricional e zonas costeiras. O turismo, enquanto um fenômeno com repercussões econômicas, socioculturais e ambientais, não é

¹ “The potential for consequences where something of value is at stake and where the outcome is uncertain” (IPCC, 2014)

abordado de forma direta neste Plano, podendo ser acessado apenas transversalmente, no que se refere, por exemplo, aos impactos sobre a biodiversidade e ecossistemas, infraestruturas e zonas costeiras.

Contudo, desde o início deste século, pesquisadores, agentes governamentais e empresários da área de turismo, em níveis distintos, vem tomando consciência sobre a importância e urgência da discussão sobre o tema no setor. O I Workshop Internacional sobre Clima, Turismo e Recreação, realizado na Grécia, em 2001, deu impulso à área de estudo da “Climatologia do Turismo” ao determinar que “juntamente com a localização geográfica, paisagem, topografia, flora e fauna, as condições do tempo e o clima se constituem nos recursos naturais básicos de um destino para recreação e turismo.” (MATZARAKIS;DE FREITAS, 2001, p. 4) (tradução dos autores). Outros marcos importantes foram a realização das conferências internacionais sobre Turismo e Mudança Climática, promovidas pela Organização Mundial de Turismo – OMT, na Tunísia (2003) e em Davos, na Suíça (2007).

As evidências trazidas por estes eventos para discussão do tema, reconhecem a complexidade inerente aos sistemas turísticos e que a abordagem da questão climática deve levar em consideração o conjunto de *stakeholders* ou agentes que estão envolvidos com a atividade (incluindo empresários, administração pública, organizações não governamentais e grupos comunitários), a variedade de atrativos naturais e culturais que conformam os destinos e que atendem às múltiplas motivações dos visitantes, bem como as inter-relações e encadeamentos que a atividade mantém com os demais setores da economia e da sociedade (MORENO, BECKEN, 2009).

A cidade de Salvador é o primeiro destino turístico do Nordeste Brasileiro (SALVADOR, 2020). A sua posição privilegiada na embocadura da maior baía do Brasil e o seu rico patrimônio histórico e cultural, oferecem uma ampla gama de atrações para os milhões de turistas que todo ano decidem visitá-la. O setor de turismo representa, portanto, uma importante parcela da economia da Cidade, que precisa se preparar para enfrentar e se adaptar aos impactos da mudança do clima.

O presente artigo, que se constitui em um recorte de uma estudo mais amplo², tem por objetivo identificar a percepção dos principais *stakeholders* do setor sobre os riscos climáticos que ameaçam o turismo de Salvador. Esse entendimento é fundamental para subsidiar as ações que vêm sendo desenvolvidas pela Prefeitura Municipal no sentido de tornar a Cidade e a atividade mais resilientes.

Desenvolvido com base na definição de risco climático do AR5 do IPCC (2014), a pesquisa foi realizada por intermédio de entrevistas semiestruturadas e de posterior análise de conteúdo, com base na metodologia de Bardin (2011).

O artigo se encontra dividido em três seções, além desta Introdução e das Considerações Finais. Na primeira, faz-se uma introdução ao conceito de risco

² “Análise e mensuração econômica dos riscos associados à mudança do clima para o setor de turismo e identificação de medidas de adaptação em Salvador – BA” que faz parte do Projeto “Apoio a Implementação da Agenda Nacional de Adaptação à Mudança do Clima no Brasil” (ProAdapta), desenvolvidas pela *Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit GmbH* (GIZ) em parceria com o Ministério do Meio Ambiente (MMA) e a Prefeitura Municipal de Salvador.

climático sob a perspectiva do turismo e da cidade de Salvador; na segunda seção são apresentados os procedimentos metodológicos e, por fim, apresentam-se os principais resultados e a sua discussão.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS RISCOS DERIVADOS DAS MUDANÇAS DO CLIMA PARA O TURISMO DE SALVADOR

O clima define o potencial de determinado destino para os vários tipos de atividades recreacionais, enquanto as condições do tempo e as estações do ano se relacionam com o controle dos períodos de pico de ocupação (AMELUNG, NICHOLLS, VINER, 2007; PERCH-NIELSEN, AMELUNG, KNUTTI, 2010).

A maior ocorrência de eventos climáticos extremos, bem como o aumento gradual da temperatura, da insolação, da umidade relativa do ar e do nível do mar se constituem em sinais climáticos perigosos para o setor, implicando em ameaças como secas/inundações, erosão e deslizamentos de terras, diminuição das áreas cobertas por neve, aumento na incidência de doenças e no desconforto térmico, perda de biodiversidade e mudança no comportamento da fauna (LAMA; DEVKOTA, 2009; BHATARAI, 2015; GRIMM, 2016).

O conceito de “risco climático” foi apresentado pela primeira vez em 2014 no 5º Relatório de Avaliação (AR5) do IPCC. Neste documento, as componentes que direcionam o risco climático foram definidos como “ameaça”, “exposição” e “vulnerabilidade”, esta última, por sua vez, determinada por fatores de “sensibilidade” e “capacidade”, conforme quadro seguinte:

Quadro 01 – Definições dos componentes do risco climático segundo o AR5

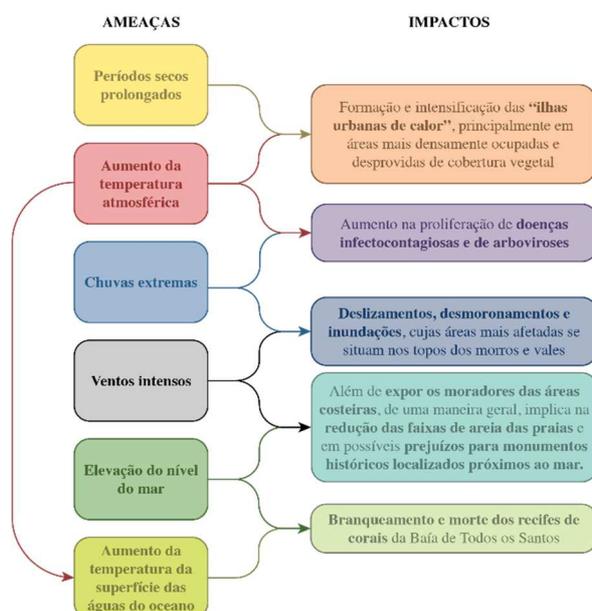
COMPONENTE DO AR5	DEFINIÇÃO
Ameaça	“potencial ocorrência de um evento físico ou tendência ou impacto físico [relacionado ao clima], seja ele natural ou induzido pelo homem, que possa causar perda de vidas, danos ou outros impactos à saúde, ou que também possa danificar ou destruir propriedades, infraestruturas, sustentos, provisão de serviço, ecossistemas e recursos naturais”
Exposição	“presença de pessoas, sustentos, espécies, ecossistemas, funções ambientais, serviços e recursos, infraestrutura ou bens econômicos, sociais ou culturais, em lugares e locais que possam ser afetados negativamente”
Vulnerabilidade	“a propensão e predisposição de um sistema a ser negativamente afetado”
Sensibilidade	“conjunto de características físicas/biológicas e socioeconômicas que deixam um sistema/setor sensível aos impactos da mudança do clima”
Capacidade	“a habilidade (existente ou potencial) de sociedades e comunidades, de reagir e se preparar aos impactos climáticos presentes e futuros.”

Fonte: IPCC, 2014

A vulnerabilidade de Salvador frente à ocorrência de eventos climáticos é uma realidade sentida por seus moradores, ao longo das últimas décadas, e reconhecida por estudos técnicos recentes (SOUSA et al, 2016; PBMC, 2016; SALVADOR, 2020) que destacam os deslizamentos, inundações e desmoronamentos como seus impactos mais frequentes. Ainda segundo esses mesmos estudos, concorrem para tal realidade sensibilidades naturais específicas, relacionadas à tipologia do relevo e do solo e aos sistemas meteorológicos atuantes, bem como causas de origem antrópica, derivadas de um processo de urbanização que favoreceu a grande concentração de pessoas de baixa renda habitando em áreas de risco. (PBMC, 2016)

Ao grande potencial de Salvador para a ocorrência de desastres naturais (SOUSA et al, 2016) relacionados com episódios de fortes precipitações, que devem se intensificar nos próximos anos, somaram-se outras ameaças climáticas identificadas pelo Painel Brasileiro de Mudanças do Clima (PBMC, 2016) reafirmadas e complementadas pelo recente Plano de Mitigação e Adaptação às Mudanças do Clima de Salvador (PMAMC, 2020): a) aumento da temperatura média, das noites quentes e das ondas de calor; b) aumento dos dias secos consecutivos; c) intensificação do fluxo dos ventos e d) Elevação do nível do mar. Essas ameaças combinadas, segundo Tridello, Spinola e Cisalpino (2021) podem ser responsáveis pelo seguinte conjunto de impactos climáticos:

Figura 01 – Ameaças climáticas e seus impactos para o setor de Turismo



Fonte: Elaboração própria, 2021

Estes e outros impactos mais específicos, por segmento da atividade, podem afetar seriamente o futuro do turismo na Cidade, que precisa se tornar resiliente através da adoção de medidas de adaptação climática.³ Contudo, para que tais iniciativas possam dar resultado é necessário o envolvimento dos principais *stakeholders* do setor que precisam reconhecer esta realidade e

³ De acordo com a Política Nacional de Mudança do Clima (PNMC) são “medidas que visam reduzir a vulnerabilidade dos sistemas naturais e humanos frente aos efeitos atuais e esperados da mudança do clima.” (BRASIL, 2009)

entender a importância de desenvolver estratégias para o seu enfrentamento. A seção seguinte apresentará as percepções dos principais envolvidos com o tema em Salvador.

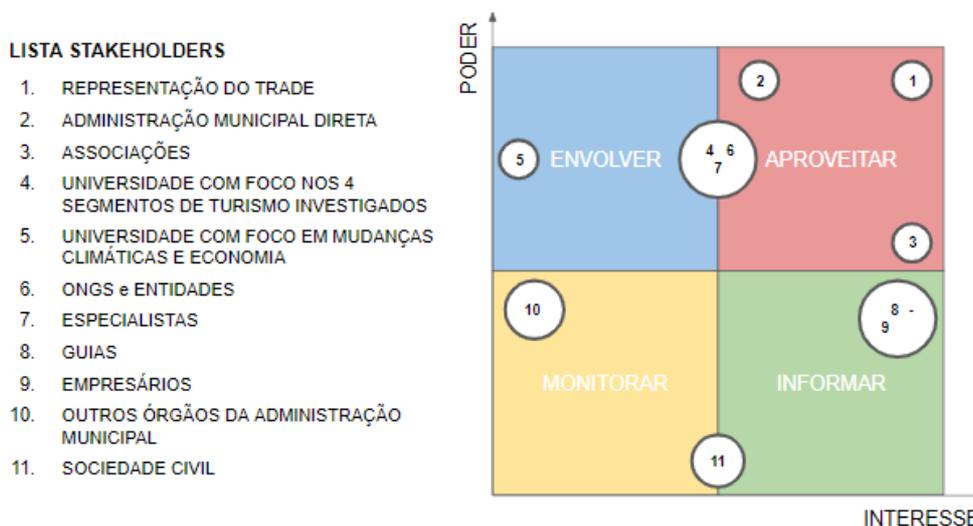
3. METODOLOGIA

As entrevistas semi-estruturadas foram realizadas entre os meses de agosto e setembro de 2020. Em função das medidas restritivas implementadas por conta da pandemia de COVID-19, foram realizadas através da Plataforma Virtual 3CX, mediante link específico encaminhado previamente aos participantes. No total foram mais de 100 horas de gravação que foram degradadas com o uso do Microsoft Word Dictate e submetidas a análise de conteúdo, seguindo a metodologia de Bardin (2011).

Como parte de uma pesquisa mais abrangente, a seleção dos entrevistados se baseou na identificação e categorização de *stakeholders* que possuam interesses relacionados com o objeto estudado e que possam, de alguma maneira, influenciar ou serem influenciados pela relação entre as mudanças do clima e o turismo em Salvador.

Todos os participantes foram distribuídos, através de uma análise Poder x Interesse em quatro grupos observando-se a abordagem que seria destinada a cada um: Aproveitar, Informar, Envolver e Monitorar, conforme a figura 02:

Figura 02 – Categorias de Stakeholders pelos critérios de Poder x Interesse



Fonte: Elaboração própria, 2021

As entrevistas foram aplicadas a 48 pessoas pertencentes ao grupo “Aproveitar”⁴, ou seja, à categoria de *stakeholders* que apresenta alto poder e alto interesse sobre o tema. Por “Poder”, entendeu-se a capacidade daquele indivíduo, enquanto empresário, representante de uma instância administrativa municipal, de uma entidade de classe ou especialista técnico relacionado ao tema, de fornecer informações, influenciar nos resultados do estudo (com críticas e sugestões) e de engajar os demais participantes. Por “Interesse”, considerou-

⁴ O grupo foi constituído por 56 pessoas, mas apenas 48 puderam ser entrevistadas.

se aqueles *stakeholders* que diretamente lidam com a atividade turística e que, potencialmente, seriam impactados pelos efeitos das ameaças climáticas identificadas.

O grupo de entrevistados compreendeu, portanto, representantes do Trade Turístico (ABIH, ABAV, ABEOC, ABRASEL, ABRE, Salvador Destination, Sindicato dos Guias de Turismo, Associação das Baianas de Acarajé e Associação dos Mergulhadores Recreativos da Bahia) além do Sebrae e da representação da Câmara de Turismo da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado da Bahia, estes dois últimos em função de terem assento no Conselho Municipal de Turismo. Também constituíram esse grupo pesquisadores com foco em algum dos cinco segmentos do turismo considerados pelo estudo⁵, ONG 'S e entidades relacionadas com a temática e especialistas que trabalham prestando serviços ou como consultores do setor nas áreas estudadas, a exemplo da montagem de estruturas para eventos, restauro de patrimônio, projetos de edificações, projetos náuticos, etc.

Para se ter resultados representativos e equilibrados, observou-se, também, a distribuição dos entrevistados por etnia, gênero e segmento prioritário de atuação:

Figura 03 - Distribuição dos *Stakeholders* por gênero, atuação e segmento do estudo



Fonte: Elaboração própria, 2020

Por fim, para atender os princípios da Exaustividade, Representatividade, Homogeneidade e Pertinência que devem ser observados na aplicação da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), as entrevistas seguiram roteiros adaptados aos grupos de interesse mas que possuíam algumas questões em comum, que serão apresentadas na próxima seção, com base nas categorias de análise selecionadas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As entrevistas com os *stakeholders* foram pensadas em um formato descontraído de conversa, tentando não interromper o fluxo de pensamento do entrevistado, mas buscando orientá-lo para não sair do escopo da pesquisa que buscava captar as suas percepções sobre os riscos derivados das mudanças do clima para o turismo de Salvador, através dos seguintes aspectos: a) Significado

⁵ Turismo geral e os segmentos de: 1) Turismo histórico-cultural e religioso; 2) Turismo de praia e recreação; 3) Turismo de entretenimento; 4) Turismo de negócio;

da expressão “Mudança do Clima”; b) Sinais das mudanças do clima em Salvador (Ameaças); c) Áreas da Cidade mais suscetíveis/afetadas; d) Riscos derivados das mudanças do clima para o turismo de Salvador; d) Contribuições da atividade turística para as mudanças do clima; e) Impactos econômicos das mudanças do clima para o Turismo; f) Percepção dos efeitos da mudança do clima pelos visitantes; g) Impactos das mudanças do clima para o futuro da atividade turística e h) Nível de prioridade que deve ser atribuído à questão climática no planejamento do turismo de Salvador.

4.1 SIGNIFICADO DA EXPRESSÃO “MUDANÇA DO CLIMA”

Para introduzir a temática da mudança do clima (muitas vezes alheia aos assuntos enfrentados diariamente por parte dos entrevistados) se iniciou a entrevista com uma pergunta simples, mas que pudesse refletir a postura do entrevistado em relação ao tema: *o que o termo "mudança do clima" sugere a você? Quais são os seus primeiros pensamentos ao ouvir essas palavras?*

O *wordcloud* apresentado abaixo expõe o rico universo das respostas coletadas, dentre as quais o aumento de temperatura se destaca como o principal fator associado ao termo mudança do clima, seguido pelo aquecimento global (principal causa desse aumento de temperatura), pela elevação do nível do mar e pela preocupação que esta temática traz, de uma maneira geral.

Analisando as respostas através das componentes do risco climático apresentadas pelo Relatório 5 (AR5) do IPCC, se observa que muitas delas se referem a ameaças climáticas, como é o caso do próprio aumento de temperatura (em cor laranja) ou da elevação do nível do mar (em azul); outras se referem a riscos como extinção, desastres naturais, impactos nas atividades turísticas, perda de habitat (em preto); mas também foram mencionados fatores de sensibilidade que contribuem a que esses impactos aconteçam (em cinza) e possíveis soluções que os amenizem (verde claro).

Figura 04 - Wordcloud dos significados da mudança do clima para os entrevistados



Fonte: Elaboração própria, 2020

Classificando-se as respostas em categorias que pudessem representar a postura dos entrevistados a respeito do tema, foram criados quatro grupos, em função do nível de conhecimento e de preocupação demonstrados em seus depoimentos, conforme os trechos destacados abaixo e o gráfico 01.

Os céticos, aqueles que possuem algum conhecimento sobre as mudanças do clima, mas não acreditam ou não estão preocupados com ela.

"Mudança climática... quando a mídia toca nisso, se fala no aquecimento global, e isso, teoricamente, iria aumentar o nível dos oceanos que é uma coisa... é um fenômeno que a Terra sofre de forma natural ao longo de sua existência. Não a existência humana, mas a existência do planeta Terra. [...] Aquecimento do clima, para mim, eu volto a dizer: isso é balela, não se sustenta ao longo do tempo. Aliás, muitos estudos dizem claramente que nós já entramos no ciclo de redução da temperatura mundial, do globo terrestre. Mas, eu não estudo nessa área. Não sou cientista. Não vou entrar nessa parte" (RD, Trade).

Os desinformados, aqueles que por falta de conhecimento sobre as mudanças do clima consequentemente não estão preocupados com ela.

"eu não saberia responder pra você com relação à mudança do clima" (MA, Adm. Municipal).

Os sensíveis, aqueles que mesmo não conhecendo a complexidade dos fenômenos relacionados às mudanças do clima demonstram curiosidade e preocupação com o tema.

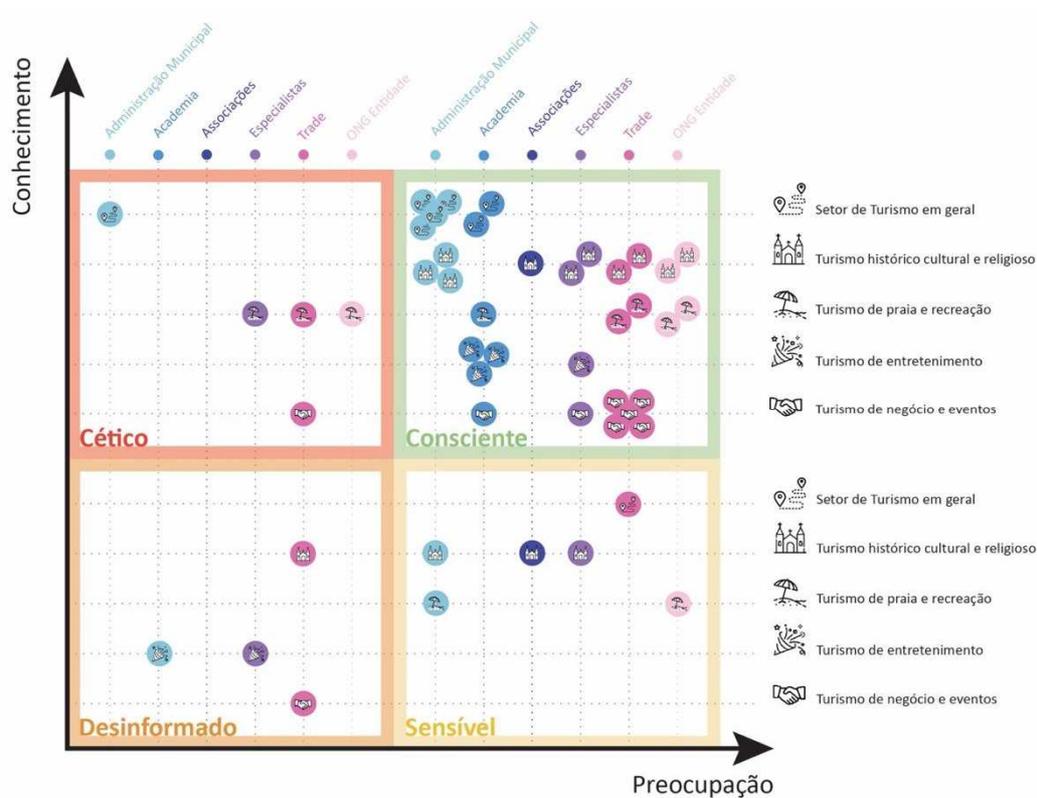
"O que me vem à mente são os atrativos turísticos que nós temos aqui em Salvador, que vão depender muito do clima, o clima é um fator predominante [...] o clima também impacta bastante quando você vai com o turismo de massa para esses locais, isso prejudica bastante. [...] A gente sabe que o clima, tanto se ele for quente demais ou se ele for frio demais também, ele vai prejudicar bastante no turismo porque vai prejudicar aquele lugar, né, onde vai se fazer aquela visitaço no dia" (RR, Trade).

Os conscientes, aqueles que possuem o conhecimento necessário sobre as mudanças do clima para se preocupar com a temática.

"Aumento de temperatura, eventos climáticos inesperados. A minha esposa é de Curaçá, em pleno sertão, chovendo como nunca choveu. [...] Esse desarranjo climático é evidente. Quem não enxerga é quem não quer enxergar" (CS, Trade).

Em termos quantitativos sobressaíram-se os entrevistados classificados como conscientes, representando 2/3 do total. Quando distribuídos por categoria da matriz poder x interesse e por segmento da atividade turística a que se filiam, observa-se um predomínio do grupo dos "Conscientes" entre os representantes da Academia (88%) - como era de se esperar – e do Turismo de Negócios (78%), muito em função dos impactos sofridos por esse segmento com a pandemia do Covid-19. No outro extremo da análise, os que demonstraram menor nível de preocupação ("Céticos" e "Desinformados") foram os representantes do Trade (29%) e do Turismo de Praia e Recreação (37,5%).

Gráfico 01 - Matriz Conhecimento VS Preocupação dos entrevistados sobre a mudança do clima



Fonte: Elaboração própria, 2020

4.2 PERCEPÇÃO SOBRE OS SINAIS DAS MUDANÇAS DO CLIMA EM SALVADOR

Após falar sobre o significado do termo mudança do clima, as entrevistas seguiram tentando contextualizá-la em Salvador através da pergunta: *Você considera que Salvador já enfrenta algum sinal das mudanças do clima? Se sim, quais?*

A figura 05 ilustra através de um *wordcloud* as respostas dos entrevistados. O aumento da temperatura é o mais percebido entre os sinais (e talvez por isso também é o primeiro fator ao qual os Soteropolitanos associam o termo "mudança do clima"), sendo seguido pela elevação do nível do mar, a chuva e os consequentes alagamentos e deslizamentos de terra. Em vermelho se destacam as respostas dos entrevistados que ainda não perceberam algum sinal das mudanças do clima ou que associam estes sinais a processos naturais.

limitados. E julho sempre chamamos de: “veranico de julho.” Aí percebemos que houve uma mudança sim. Em julho hoje, chove. (AD, Trade)

“É uma preocupação séria. Até bem pouco tempo atrás, os eventos de branqueamento não estavam ainda causando a morte dos corais. Havia um branqueamento por conta do aumento da temperatura, mas um pouco tempo depois esse coral conseguia por sua resiliência, se recuperar. Mas a gente já tem registro de morte de corais, e corais importantes, né, corais que são endêmicos da nossa região e que já tem registro de morte desses recifes. Então a gente vê colônias enormes mortas por conta dessa questão do branqueamento. [...] Tá no nível vermelho aqui na Baía de Todos os Santos. (KM, Soc. Civil)

"Fenômenos que não aconteciam antes como micro ciclones. Inclusive a gente já presenciou isso dentro do mar, saindo para mergulhar. [...] Mudanças bruscas de variação e velocidade de ventos durante o dia. [...] Normalmente aqui em Salvador, no verão, o vento sopra Nordeste pela manhã. Quando chega meio-dia ou 1h da tarde, nós usamos o termo que 'cai a viração', o vento vai pra Sul. Esse é o padrão, vamos dizer, do verão. Nos últimos verões, nós passamos a ter rajadas de vento sudoeste, por exemplo. São ventos que pegam os barcos e jogam tudo na praia. Rajada de vento leste com intensidades de 60, 70km/h. A quantidade de alerta que a marinha tem emitido tem aumentado, o que eles chamam de “aviso aos navegantes”. (TB, Trade)

"Em Salvador a gente vê muitos acidentes relacionados ao mau tempo como deslizamentos de Terra [...] o que eu percebo em bairros mais populares, inclusive, eu acho que essa sensação [das mudanças do clima] é bem desigual". (PHO, Academia)

Quando perguntados sobre os sinais que mais causam preocupação para o seu cotidiano, novamente os entrevistados citaram o aumento da temperatura, seguido das chuvas, deslizamentos de terra, elevação do nível do mar e alagamentos.

"[...] diretamente na minha vida enquanto cidadã, a temperatura... né?... Edson Gomes não estava brincando quando disse que o inferno era aqui, a coisa tem ficado realmente mais quente, a gente percebe isso". (CC, Trade)

"Olhe, é assustador quando chove em Salvador. O trânsito para. As pessoas que moram nos arredores da cidade, muito nessas áreas íngremes assim... enladeiradas, elas passam por grandes apuros. Não é? A Prefeitura e o governo do Estado têm feito algumas iniciativas para colocar as barreiras de lona, eu não sei como é que chama aí, nessas áreas de periferia. Todo ano Salvador tem deslizamento de casa, morte de pessoas provocada pelas chuvas e não há um trabalho consistente. Tem feito? Tem. Tem aumentado? Tem melhorado? Tem. Mas eu acho que precisaria ser feito muito mais. Eu mesmo já fiquei preso com o carro nessas avenidas de vale, cheio de água sem poder me locomover. Tive que esperar passar 1 hora... 2 horas

para poder chegar em casa. Eu acho que é... o impacto acontece na vida de todo mundo. De todo mundo da cidade. Por exemplo, eu não posso compreender que porque choveu não vai trabalhar. Não vai sair. Quem já morou fora, quem é de outro país... Choveu? Tem que sair. Vai trabalhar de qualquer forma. Só se for uma tromba d'água. Não é? Mas, em geral, aqui é assim: não chega no trabalho, atrasa, etc. E isso traz transtornos, inclusive, econômicos para a cidade". (PA, Soc. Civil)

"Tipo assim, se tiver uma seca eu sinto muito. No candomblé a gente tem fonte de água de Oxum. Então Oxum não vai deixar ninguém sem tomar banho, nem beber água. Inclusive quando a gente tá bebendo água, a gente tá bebendo Oxum. Então para os candomblés que estão preparados, que tem fonte, que tem uma vegetação extensa com frutas dentro, plantando, cuidando, cuidando das folhas... A gente pode ser impactado, claro, mas não com tanta força como quem convive na selva de pedra". (NS, Trade)

4.3 ÁREAS DA CIDADE MAIS SUSCETÍVEIS/AFETADAS PELA MUDANÇA DO CLIMA

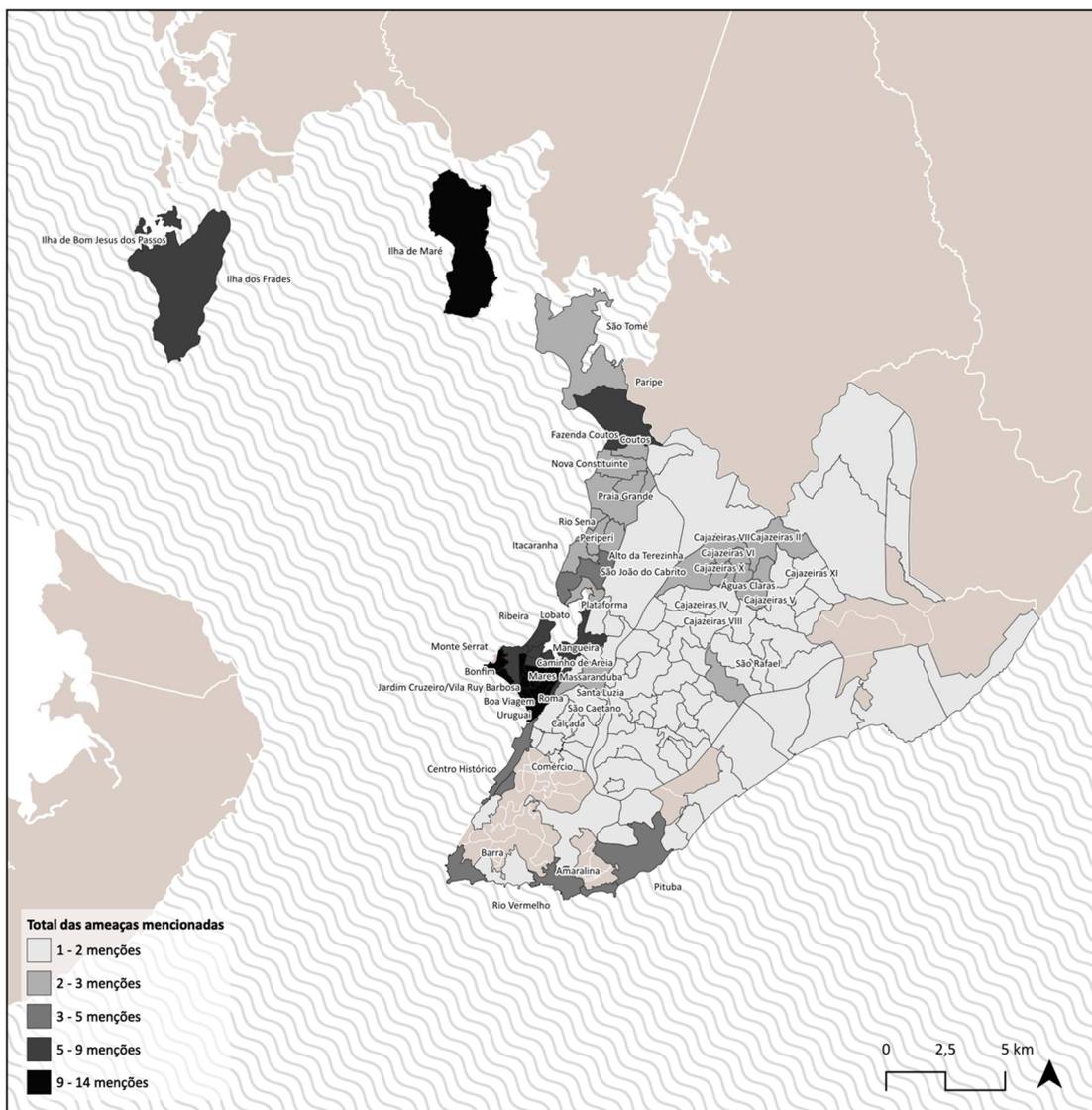
A percepção da espacialização dessas ameaças, por parte dos entrevistados, coincide com os mapas produzidos pelo Índice de Risco Climático de Salvador, desenvolvido no contexto do Plano Municipal de Adaptação e Mitigação à Mudança do Clima, e com as áreas de risco mapeadas pela CODESAL:

1. Alagamentos: são observados sobretudo na Península de Itapagipe, nas Ilhas e no Subúrbio Ferroviário;
2. Arboviroses: em toda a Cidade;
3. Aumento da temperatura: é percebida sobretudo no Centro Histórico, na Cidade Baixa os quais sofrem um déficit de arborização, e nas áreas mais afastadas da costa como a região do Miolo;
4. Chuvas extremas: os casarões do Centro Histórico foram considerados suscetíveis à degradação decorrente de tais eventos;
5. Deslizamentos: foi lembrada a área do Subúrbio Ferroviário;
6. Elevação do nível do mar: observada sobretudo na Península de Itapagipe e nas Ilhas com destaque para a Ilha de Maré, foi também registrada na região do Comércio, na Barra, Amaralina, Pituba, Paripe e Stella Maris;
7. Erosão: foi observada sobretudo na Ilha de Maré, mas também na Ilha dos Frades, na Barra, Amaralina e Pituba;
8. Intensificação dos ventos: foi observada na Costa Atlântica;

A figura 06 traz um mapa com todas as ameaças mencionadas, evidenciando os bairros e regiões da Cidade mais afetados por elas: as Ilhas, a

costa da Baía de Todos os Santos, a Península de Itapagipe, o Centro Histórico e os bairros de Barra, Rio Vermelho, Amaralina e Pituba.

Figura 06 - Espacialização das ameaças climáticas percebidas pelos entrevistados



Fonte: Elaboração Própria, 2020

4.4 RISCOS DERIVADOS DA MUDANÇA DO CLIMA PARA O TURISMO DE SALVADOR

A percepção sobre os riscos climáticos oriundo das ameaças mencionadas está em boa medida consolidada em atores importantes do setor. O elemento comum, mais marcante, destacado pelos entrevistados consiste na dependência do destino em relação ao turismo de Praia e Recreação. A dependência do ambiente natural gera vulnerabilidade justamente porque os impactos climáticos podem gerar profundas transformações no ambiente, especialmente em paisagens costeiras. Os entrevistados, tanto destacaram

claramente nas entrevistas uma interpretação sofisticada sobre uma cadeia de impactos complexa, quanto identificaram potenciais efeitos das mudanças do clima nas atividades do turismo.

- Vulnerabilidade decorrente da forte dependência do destino do turismo de praia e recreação:

“Quem vem para Salvador é... ele se incomoda com a chuva, porque Salvador já é tipicamente vendido como sol e praia né, então quem vem para Salvador, quem vem pro estado da Bahia, principalmente ele vem buscando praia então ele já sabe que ele chegou aqui ele vai aproveitar as praias [...] E aí quando ele chega aqui ele vê aquela chuva ele já se preocupa “Eu vim pra Bahia e não vou pegar praia?” (RR, Trade)

- Aumento médio da temperatura pode resultar em aumento dos dias de calor extremo, podendo afetar a disposição dos turistas de Salvador.

“Às vezes eu fico imaginando como a alta estação pode mudar de período, deixar de ser em janeiro e começar a ser em agosto porque janeiro vai estar insuportável. Janeiro, fevereiro, dezembro vai estar(sic) insuportável de calor.” (PM, Soc. Civil)

- Aumento dos custos para manutenção do patrimônio histórico em um ambiente de calor extremo.

“Eu acho que o aumento da temperatura não vai prejudicar os prédios, principalmente os históricos. Pelo contrário. O que vai prejudicar é ter um sistema de ar-condicionado que não é 24 horas por dia. Então vai variar a umidade, eu vou pegar as imagens sacras, os adornos e vou romper todos eles. É isso que acontece.” (TA, Soc. Civil)

Para avaliar de forma sistemática a percepção dos entrevistados sobre os riscos climáticos para o turismo de Salvador, as respostas foram organizadas de acordo com as ameaças que incidem sobre os diferentes segmentos da atividade. A maior parte dos comentários se refere aos impactos que as mudanças do clima podem causar para o turismo de Praia e Recreação, destacando-se os efeitos do calor excessivo, da instabilidade climática, de chuvas extremas e de mudanças nos padrões de precipitação. Os entrevistados entendem que as atividades ao ar livre relacionadas a esse segmento são muito dependentes de um clima estável e que as mudanças do clima podem gerar problemas significativos para esse segmento. As chuvas extremas também foram destacadas como potenciais ameaças para o Turismo Histórico Cultural e Religioso, principalmente no que se refere a eventuais danos ao patrimônio histórico edificado e a bens móveis, como imagens sacras e adornos de igrejas, ameaçados pelo excesso de umidade. As chuvas extremas também ameaçam o Turismo de Entretenimento que está baseado em atividades ao ar livre como os shows musicais e o carnaval. Portanto, conforme o Quadro 02, para os *stakeholders* ouvidos, os segmentos de Praia e Recreação (29,7%) e Histórico-Cultural e Religioso (27%) são os mais suscetíveis às ameaças associadas às

mudanças do clima, nesta ordem e apenas 10,8% afirmaram não perceber qualquer potencial efeito nos segmentos em que atuam.

No que tange aos segmentos de Entretenimento (8,1%) e de Negócios (2,7%) que, em princípio, são considerados menos sensíveis às mudanças do clima, a chuva apareceu como uma ameaça que pode contribuir para uma eventual perda na qualidade da experiência dos foliões das festas e outros transtornos, a exemplo dos alagamentos que prejudicam o deslocamento dos turistas e congressistas pela Cidade.

Quadro 02 - Segmentos da atividade mais suscetíveis à Mudança do Clima por fator de impacto (em %)

SEGMENTO	NEGATIVO			POSITIVO		NÃO PERCEBE
	CHUVA	TEMP.	VENTO	CHUVA	TEMP.	
Praia e Recreação	21.6	2.7	5.4	0	2.7	2.7
Histórico Cultural	13.5	13.5	0	0	0	0
Entretenimento	8.1	2.7	2.7	0	0	5.4
Negócios	2.7	0	0	0	0	2.7
Transversais	8.1	5.4	0	0	0	0

Fonte: Elaboração própria, 2020

Segundo os entrevistados, o segmento de Praia e Recreação também é afetado pela variação na intensidade dos ventos e pelo efeito da elevação do nível do mar na costa, pelo comprometimento da faixa de areia e possíveis danos causados pela erosão (5,4%). Nas atividades de mergulho e náutica, essas ameaças foram relativizadas e os ventos foram considerados mais importantes que os demais fatores:

“Pra nós o que mais importa são os ventos: o tipo do vento e a intensidade do vento porque aí ele vai fazer com que determinada área não seja propícia para o mergulho e determinada área que esteja ou que não esteja propícia para o mergulho. Então são os ventos que são os maiores influenciadores na qualidade e na segurança do mergulho. Não são as chuvas.” (TB, Trade)

“[...] o turismo náutico... ele não é um turismo totalmente vinculado a uma estação do ano. Então assim, tem muito veleiro que gosta de viajar com um mau tempo, né? Quem é velejador raiz, navegador raiz, que é uma expressão que a gente usa aqui, ele viaja mesmo com o mau tempo.” (IS, Soc. Civil)

O aumento da temperatura foi pouco citado, tendo até aparecido como um fator positivo para a captação de turistas interessados nesta motivação, uma vez que seria um fator “esperado” pelos visitantes, diferentemente da chuva:

“em relação ao calor eu penso que Salvador ela é procurada, para o turismo de praia, [...] em função do tipo de praia, calor. [...], eu penso que a procura maior do turista aqui em Salvador é o turismo de praia, calor, chuva não. Assim, a temperatura aqui ela nos ajuda nesse sentido de atrair o turista de praia.” (AG, Soc. Civil)

“A nossa cidade fica triste quando ela tá chuvosa, né? Ela não é uma cidade alegre. Ela é uma cidade de sol... de céu azul... Então eles vêm buscando isso. Então prejudica sim. O sol não. O calor não prejudica porque eles vêm buscando isso, eles sabem que Salvador é uma cidade quente, vem preparados para o calor.” (MAC, Trade)

O segmento de Turismo Histórico-Cultural e Religioso em Salvador também tem suas atividades realizadas, em grande medida, ao ar livre e dependentes de caminhadas pelos sítios tombados e entre os monumentos. Essa característica o coloca como especialmente sensível aos aumentos de temperatura (13,5%), notadamente para turistas de maior faixa etária e oriundos de regiões mais temperadas, e principalmente no verão.

“[...] porque é muito desconfortável você subir e descer ladeira com um calor danado, um suor disgramado de lá pra cá, a pessoa vem subindo e descendo a ladeira num calor danado [...] o próprio Pelourinho em si, você não tem... naquele centrão dele você não tem uma circulação... tem uma ventilação alí e tudo, mas ela é muito concentrada. Então, uma redução da circulação... é... do aumento da temperatura... inclusive, a característica alí... é pedra e alí tudo superaquece, né?” (HP, Trade)

“O turismo religioso é basicamente um turismo para idosos que é uma população extremamente afetada pelo calor [...]”. (AA, Academia)

No geral, o comportamento característico do turista de Negócios, que é o de se concentrar nos centros de convenções ou equipamentos hoteleiros que sediam os eventos de que participam, traz uma menor preocupação com a suscetibilidade desse segmento aos fatores acima mencionados.

4.5 CONTRIBUIÇÕES DA ATIVIDADE TURÍSTICA PARA A MUDANÇA DO CLIMA

Partindo do pressuposto que o turismo não somente sofre com os impactos da Mudança do Clima, mas, também, contribui para a sua ocorrência, procurou-se verificar junto aos entrevistados quais são os segmentos ou atividades que teriam maior participação neste contexto.

As percepções sobre esse ponto podem ser divididas em dois blocos: os impactos que necessitariam de mitigação e os impactos que poderiam dar origem a ações de adaptação.

No primeiro caso, os setores transversais, notadamente as empresas de transporte aéreo e rodoviário, aparecem como grandes geradoras de gases do efeito estufa e os segmentos de Eventos e Entretenimento, principalmente, com destaque na motivação de fluxos de pessoas de longa distância em períodos concentrados de tempo.

Dentre os fatores que podem gerar medidas de adaptação, no que se refere, principalmente à prevenção de alagamentos e da contaminação de corpos d'água e das praias, está a grande geração de resíduos, bastante associada também aos segmentos de Entretenimento e de Negócios e aos setores transversais, como estabelecimentos de hospedagem e restaurantes.

Com efeito, a inexistência de programas de coleta para grandes geradores relacionados ao setor e de destinação adequada para os resíduos de festas como o Carnaval e o Réveillon preocupam os entrevistados:

“É... e os possíveis impactos que podem acontecer... e que acontecem e que a gente vê por exemplo... no Carnaval que é a época que Salvador tá mais bombada com coisa de turismo, quando termina o pessoal que faz aquela limpeza submarina... quantas toneladas de latinha que tira alí do fundo do mar, né?”
(KM, Soc. Civil)

“[o turista do carnaval] está ali para consumir entretenimento e ponto, né? Se eu vou gerar lixo, se eu vou é... gerar algum tipo de impacto negativo, não tenho muita sensibilização para aquilo, e quem vende, quem programa [...] não dá essa qualidade, né? Não dá esse tipo de retorno, então acho que isso também acaba influenciando no comportamento do consumidor, né? (PH, Academia)

Também o comportamento de parte dos turistas do segmento de Praia e Recreação considerado “de massa” foi associado a esta questão dos resíduos, dando vazão a algumas argumentações sobre a necessidade de mudança no perfil dos visitantes que são atraídos pela Cidade, privilegiando públicos mais sensíveis às questões ambientais como os adeptos do turismo Religioso, de Mergulho e Náutico por exemplo:

“O turista religioso tem hábitos mais saudáveis. A gente vê isso, nitidamente, na Jornada Mundial da Juventude, no Rio de Janeiro. Existem dados que foram divulgados na época... foi um evento que chegou a ter três milhões de pessoas na missa de encerramento, dois milhões de pessoas na missa de abertura.[...] num evento de cinco dias geraram menos lixo que uma noite de réveillon no Rio de Janeiro.” (PM, Soc. Civil)

Ao Turismo Histórico-Cultural e Religioso não foram associados impactos específicos nesta questão, embora em outras passagens das entrevistas se tenha mencionado a necessidade de se repensar a utilização de oferendas, como na Festa de Iemanjá, e o estímulo ao turismo Étnico-Afro como aliado das iniciativas de adaptação.

4.6 IMPACTOS ECONÔMICOS DA MUDANÇA DO CLIMA PARA O TURISMO

Os entrevistados já identificam uma série de impactos dos efeitos climáticos nos custos dos negócios e atividades turísticas da Cidade, especialmente os relacionados com o aumento da temperatura média e na intensidade das chuvas. Estes impactos se refletem sob a forma de aumento nas despesas de manutenção e no custo dos insumos.

- Custos crescentes com a refrigeração, resultado tanto da necessidade de aumento da capacidade dos aparelhos quanto da ampliação da área refrigerada dos estabelecimentos;
- Perdas resultantes de chuvas extremas por conta de inundações que danificam equipamentos, toldos e geram infiltrações nos estabelecimentos aumentando os custos de manutenção dos negócios;
- Aumento do custo das baianas de acarajé que tiveram que implantar toldos de proteção contra a insolação extrema nas áreas onde atuam;
- Crise na produção do azeite de dendê, um dos elementos mais importantes da cultura baiana, que tem significado sagrado relacionados aos orixás e que é um ingrediente essencial dos principais produtos da culinária baiana;
- Extinção ou redução significativa de populações de inúmeros e importantes peixes e crustáceos tradicionalmente capturados pelas comunidades pesqueiras da BTS.

4.7 PERCEPÇÃO DOS EFEITOS DA MUDANÇA DO CLIMA PELOS VISITANTES

Para os entrevistados, os fatores de mudança do clima levantados não são percebidos pela maior parte dos visitantes, à exceção da temperatura, especificamente pelos turistas oriundos de regiões mais frias e do público idoso.

“[...] a sogra de um amigo, ele pediu pra receber. Ela foi embora, não aguentou por causa do calor mas também ela era suíça [...] Peguei ela no aeroporto, fui conversando, conheci e tal, poucos dias depois ela me ligou dizendo que ela tava indo embora, eu perguntei: mas não era uma semana? Então ela disse: não, eu não aguento, eu não aguento, inclusive ela pensava em investir em uma casa aqui e desistiu, foi embora.” (AA, Universidade)

“...os turistas estrangeiros né, porque eles estão acostumados com o clima mais frio então aí eles já sentem que é bem mais quente quando você começa a fazer o Walking Tour. A maioria deles até já traz um leque né, pra estar se abanando então se percebe que eles dizem “Aqui é muito quente” tem essa reclamação que não, não, não percebemos uma insatisfação... mais um incômodo, de dizer assim “Não, está quente, aqui está mais quente... está próximo de chegar no local, na igreja? Está próximo de chegar já no museu?” (RR, Trade)

“Sim. A gente trabalha muito com navio, por exemplo, e o city tour de Salvador, em grande parte é feito a pé. Tem muita gente que volta, que não aguenta. Tudo bem. Normalmente são idosos de 65 anos para cima. Mas não consegue, não aguenta porque é muito quente. Alguns até passam mal.” (CS, Trade)

“Reclamam muito porque quando é... nós recebemos dentro do memorial em torno de 25.000 pessoas. Então quando elas entram lá dentro começa a se abanar, que lá dentro o ar-condicionado ligado, né? E elas reclamam que tá muito quente. Tá muito quente. Então todas com as garrafinhas de... antigamente não andavam com tantas garrafinhas de água, mas agora é raro você ver um turista que não esteja com uma garrafinha de água na mão.” (RS, Soc. Civil)

4.8 IMPACTOS DA MUDANÇA DO CLIMA PARA O FUTURO DA ATIVIDADE TURÍSTICA

O sentimento mais comum identificado nos participantes é uma avaliação de que a mudança do clima vai *impactar* negativamente o turismo, mas sem implicar em redução significativa do *potencial* econômico dessa atividade.

Os entrevistados reconhecem o impacto negativo das ameaças climáticas, mas entendem que a Cidade tem um potencial turístico ainda pouco aproveitado e que as correções de gestão e promoção podem compensar potenciais impactos negativos que a atividade possa sofrer. Vale destacar que muitos entrevistados acreditam que a Cidade, por ter um potencial turístico ainda sub-explorado, conseguirá superar os impactos negativos das mudanças do clima a partir da organização, investimentos e mudanças no setor.

Uma análise das citações de destaque dos entrevistados demonstra uma percepção de que a Cidade tem ativos turísticos estratégicos e uma relevância do elemento “cultura” que fica muito clara quando se destaca o número de referências à palavra “gente”. O otimismo também fica latente entre as principais referências e citações, mesmo no contexto de uma pandemia.

4.9 NÍVEL DE PRIORIDADE ATRIBUÍDO À QUESTÃO CLIMÁTICA NO PLANEJAMENTO DO TURISMO DE SALVADOR

Em que pese o momento sensível por que passa o setor turístico em todo o mundo, por ocasião da pandemia de Covid-19 e de suas implicações para uma eventual retomada da atividade, de uma maneira geral, há um entendimento entre os *stakeholders* entrevistados de que a inserção de medidas de adaptação às mudanças do clima no planejamento do turismo de Salvador é “muito importante” ou “importante” (73,6%), principalmente pelo seguinte conjunto de argumentos:

- Percepção de uma tendência de piora dos sinais climáticos;

“Eu acho muito importante [...] Você falou aí num período de 20 anos... porque tudo indica que a gente tá indo numa direção super problemática, então eu acho que qualquer medida, como

vocês estão propondo e que seja tomada agora, inevitavelmente vai melhorar.” (CS, Trade)

- Receio de que a atividade seja mais impactada no futuro;

“Muito importante, entendeu, acho que agora é a hora que já tem que começar a cuidar, já tem que começar a buscar as alternativas porque nós somos uma cidade turística, entendeu? A gente depende do turismo. Isso aí já tem que começar a pensar agora, já começar a ir colocando em prática o que já for mais viável e mais próximo de ser resolvido para não deixar impactar tanto futuramente.” (RR, Trade)

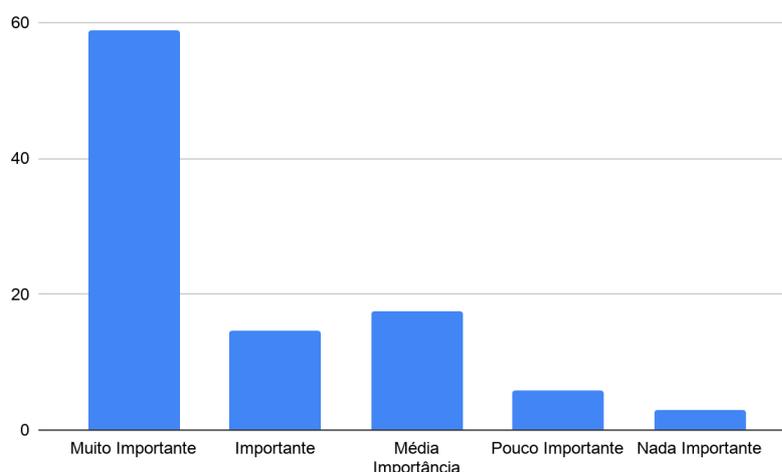
- Entendimento de que o “novo turista” tem maior preferência por destinos sustentáveis;

“Eu colocaria muito alto e eu focaria isso por conta do cliente em si também. As novas gerações elas vêm... elas só conseguem enxergar os negócios se eles forem sustentáveis, abraçar todo aquele tripé social, ambiental, e lógico, econômico.” (MP, Trade)

- A inserção do tema nas diretrizes do planejamento da atividade, nos âmbitos público e privado, pode assegurar a sua permanência na agenda municipal, independentemente das mudanças políticas.

“Ah, eu acho que a prioridade é muito alta, porque é... enquanto for reversível, né? Enquanto a gente puder pensar em alternativas, o quanto antes a gente começar a pensar nisto é melhor e como a gente tem uma questão de descontinuidade política no nosso país, é super importante a gente consolidar essas políticas, essas ações para que elas tenham repercussão, força e que elas possam ter uma continuidade.” (PH, Academia)

Gráfico 02 - Percepção dos entrevistados sobre o nível de prioridade quanto a inserção da Mudança do Clima no planejamento do turismo de Salvador (Em %)



Fonte: Elaboração própria, 2020

Dentre aqueles que atribuíram uma prioridade “média” para o tema, identificou-se uma maior preocupação com questões consideradas por eles mais

urgentes no contexto do turismo da Cidade, a exemplo da necessidade de investimento em segurança pública e saneamento básico.

“Eu trataria com uma média prioridade, eu trataria como uma variável a ser inserida na agenda. Eu acho que não pode ficar no livro, não é baixa prioridade [...] então acho que é uma média prioridade, que tem que ser considerada, que tem que estar na programação, tem que ter um planejamento, tem que ser pesada como fator de decisão.” (WO, Adm. Municipal)

Estas mesmas prioridades de outra natureza foram determinantes para que um pequeno grupo atribuísse “pouca” ou “nenhuma” importância para os efeitos da Mudança do Clima.

“mas em termos de prioridade eu diria que estaria assim... de 1 a 10... a segurança é 9 e o clima é 1. Isso em termos de resposta a efetividade ao negócio produtivo do turismo ao atrair essa área econômica que traz muito emprego e renda a nossa população.” (RD, Trade)

Por fim, também a coincidência da ocorrência desta pesquisa em um momento de pandemia, tão complicado para o setor, suscitou algumas reflexões interessantes:

“É muito importante e eu acho que a gente tem, sem dúvida... essa pandemia ela abriu esse olhar e eu acho que a gente tem aí um gap interessantíssimo de inserir, efetivamente, essa discussão porque pra lhe ser muito sincero é... é natural da oferta do planejamento, e olhe que planejamento no setor da gente, são as exceções, infelizmente não são a maioria, você tá tratando é daquela análise SWOT. Né? Daquela análise das fortalezas... e a gente sempre colocou os fatores ambientais externos com aquela possibilidade quase que um... será, aquele “Algum dia a arca de Noé vai voltar” Aí todo mundo dar risada e fala: “Então a arca de Noé voltou” e agora a gente tá tendo que encarar o bicho.” (LHA, Trade)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou identificar as percepções dos *stakeholders* do turismo de Salvador sobre os riscos derivados das mudanças do clima para a atividade.

Identificou-se, no geral, a existência de um grande número de atores com uma percepção sofisticada e com um nível moderado de conhecimento do tema. Os grupos que se demonstram mais conscientes são os compostos pelos membros da Academia e por representantes do segmento de Turismo de Negócios e Eventos, neste último caso, muito impactados pela pandemia da Covid 19. No outro extremo, encontram-se membros do Trade e do segmento de Praia e Recreação, embora, este último segmento tenha sido considerado, por estes mesmos entrevistados, como um dos mais impactados pela mudança do

clima, especialmente pelas chuvas extremas e os ventos intensos esperados em Salvador.

A maior parte dos respondentes associa o termo “Mudança do Clima” ao aumento da temperatura atmosférica que é também a ameaça climática mais percebida hoje na Cidade. Porém, as consequências derivadas do aumento da temperatura não são percebidas como riscos climáticos pelos *stakeholders*, os quais alegam que a maior parte dos turistas escolhe Salvador justamente pelo seu clima quente, a não ser que se trate de um turista acostumado a condições climáticas amenas ou de um turista idoso. Este último representa o público principal do Turismo Histórico-cultural e Religioso, o que faz deste segmento o mais exposto ao aumento de temperatura na Cidade, em especial.

Os impactos econômicos derivados da Mudança do Clima já observados pelos representantes do setor de turismo estão relacionados com o acréscimo nas despesas de manutenção dos estabelecimentos e atrativos turísticos, bem como com o aumento do custo dos insumos.

Já no que se refere aos principais impactos do turismo no clima, foram citados os gases do efeito estufa emitidos prevalentemente pelo Turismo de Negócios e de Entretenimento, que por sua natureza requerem a movimentação de grandes fluxos de pessoas, através de transporte aéreo, terrestre e marinho. O turismo de massa incentivado por estes segmentos também impacta o meio ambiente pela geração excessiva de resíduos sólidos em locais e intervalos de tempo concentrados. Impactos ao meio ambiente oriundos da má destinação destes resíduos também se devem ao comportamento irresponsável dos turistas de Praia e Recreação. O Turismo Histórico-cultural e Religioso foi apontado como o menos impactante, ainda que tenha sido mencionada a necessidade de pensar soluções biodegradáveis para as oferendas das festividades religiosas.

Embora 74% dos entrevistados considerem que a inclusão da questão climática no planejamento do turismo seja uma medida “Muito Importante” e muitas áreas turísticas da Cidade tenham sido apontadas como suscetíveis aos impactos da Mudança do Clima, o grupo de atores se mostra muito otimista em relação ao futuro e não considera que os referidos riscos possam afetar a afluência futura de visitantes e o desempenho econômico do setor. Alegam também que eventuais medidas de adaptação às mudanças do clima deveriam ser pensadas conjuntamente à promoção do destino e melhor aproveitamento de seu potencial turístico.

REFERÊNCIAS

AMELUNG, B.; NICHOLLS, S.; VINER, D. Implications of global climate change for tourism flows and seasonality. *Journal of Travel Research*, v.45, n.3, 285–296, 2007

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Editora Almedina, 2011

BHATTARAI, U. Tourism and climate change: socioeconomic implications, mitigation and adaptation measures. *International Journal of Environment*, v.4, n.2, 355-373, 2015

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. *Plano Nacional de Adaptação à Mudança do Clima*. Brasília: MMA, 2016.

BRASIL. Lei nº 12.187, de 29 de dezembro de 2009. Institui a Política Nacional de Mudança do Clima (PNMC). Disponível em: [L12187 \(planalto.gov.br\)](http://www.planalto.gov.br/legis/leis/2009/12/29/l12187.htm). Acesso em: 12 dez.2021

GRIMM, I.J. *Mudanças climáticas e turismo: estratégias de adaptação e mitigação*. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento – MADE. Universidade Federal do Paraná, 2016, 247p.

GRIMM, I.J. Impactos das mudanças climáticas no sistema turístico: o caso brasileiro. *Caderno Virtual de Turismo*, v.19, n.1, 2019

GRIMM, I.; ALACÂNTARA, L.; SAMPAIO, C. O turismo no cenário das mudanças climáticas: impactos, possibilidades e desafios. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, v.12, n.3, 1-22, 2018

INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE (IPCC). *Climate Change 2014: Impacts, Adaptation, and Vulnerability. Part A: Global and Sectoral Aspects. Contribution of Working Group II to the Fifth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change*. Cambridge University Press, Cambridge, United Kingdom and New York, NY, USA, 2014, 1132 p.

LAMA, S.; DEVKOTA, B. Vulnerability of mountain communities to climate change and adaptation strategies. *The Journal of Agriculture and Environment*, 10, 65-71, 2009.

MATZARAKIS, A., DE FREITAS, C.R. *Proceedings of the First International Workshop on Climate, Tourism and Recreation*. International Society of Biometeorology, Commission on Climate Tourism and Recreation. 2016. Disponível em: <http://www.mif.uni-freiburg.de/isb>. Acesso em: 12 dez.2021

MORENO, A.; BECKEN, S. A climate change vulnerability assessment methodology for coastal tourism. *Journal of Sustainable Tourism*, v. 17, n. 4, 473–488, 2009.

NICHOLLS, R.J.; HOOZEMANS, F.M.J. The Mediterranean: vulnerability to coastal implications of climate change. *Ocean and Coastal Management*, 31, 105-132. 1996.

PAINEL BRASILEIRO DE MUDANÇAS CLIMÁTICAS (PBMC). *Impacto, vulnerabilidade e adaptação das cidades costeiras brasileiras às mudanças climáticas: Relatório Especial do Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas* [Marengo, J.A., Scarano, F.R. (Eds.)]. PBMC, COPPE - UFRJ. Rio de Janeiro, Brasil. 184 p.2016

PERCH-NIELSEN, S.; AMELUNG, B.; KNUTTI, R. *Future climate resources for tourism in Europe based on the daily Tourism Climatic Index*. *Climate Change* 103: 363–381,2010

PLANO DE AÇÃO CLIMÁTICA DE SALVADOR (PMAMC). Plano de Mitigação e Adaptação à Mudança Climática. Prefeitura Municipal de Salvador, 2020.

SALVADOR. *Plano Estratégico de Marketing Turístico de Salvador*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, 107 p., 2020.

SOUSA, F.A.S.; VIEIRA, V.R.; SILVA, V.P.R.; MELO, V.S.; GUEDES, R.W.S. Estimativas dos riscos de chuvas extremas nas capitais do Nordeste do Brasil. *Revista Brasileira de Geografia Física*, Recife, v.9, n.2, p.430-439, 2016.

TRIDELLO, V.; SPINOLA, C. de A.; CISALPINO, T. *50 boas ideias para um turismo mais resiliente em Salvador*. Salvador: Secretaria Municipal de Sustentabilidade, Inovação e Resiliência, 152 p. 2021